

RESISTÊNCIA PUNK NO EXTREMO SUL DO BRASIL: UM OLHAR INTERSECCIONAL PARA AS CENAS DE PORTO ALEGRE E DE CAXIAS DO SUL

ALINE PASSUELO DE OLIVEIRA¹

ALISSON OLIVEIRA DA COSTA²

GIULIA CALLONI³

RESUMO

O movimento punk, ao longo de sua história no Brasil, desenvolveu-se em diversos contextos territoriais com características próprias. Este artigo se propõe a analisar o cenário punk no Rio Grande do Sul, focando em Porto Alegre (a capital) e Caxias do Sul (a principal cidade da Serra Gaúcha), e as relações e os intercâmbios estabelecidos entre elas. O estudo traça um panorama histórico que abrange duas temáticas centrais: a gênese e a proliferação do movimento punk em ambas as cidades e a inserção e o papel das mulheres no punk e no rock gaúcho desses dois locais. O objetivo central é evidenciar o potencial de resistência inerente ao punk, especialmente em territórios com apelo conservador e imaginários sociais calcados em um passado mítico europeizado e embranquecido, que historicamente marginalizam grupos que não se alinham a esse ideal hegemônico. Os dados apresentados são oriundos de revisão bibliográfica, análise documental e excertos de entrevistas com participantes do movimento. Do ponto de vista analítico, o artigo mobiliza a ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade, articulando categorias como centro e periferia (geográfica e simbólica), racismo, branquitude e patriarcado. Esta abordagem interseccional mostrou-se fundamental para aprofundar a compreensão das múltiplas camadas de opressão e das formas singulares de resistência que moldam a atuação do punk no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Punk; Interseccionalidade; Gênero; Branquitude; Rio Grande do Sul.

PUNK RESISTANCE IN THE EXTREME SOUTH OF BRAZIL: AN INTERSECTIONAL LOOK AT THE SCENES OF PORTO ALEGRE AND CAXIAS DO SUL

ABSTRACT

The punk movement, throughout its history in Brazil, developed in diverse territorial contexts with distinct characteristics. This article proposes to analyze the punk scene in Rio Grande do Sul, focusing on Porto Alegre

¹ Doutora e Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Bacharela em Ciências Sociais (UFRGS). Professora Área do Conhecimento de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e dos Programas de Pós-Graduação em História - Mestrado e Doutorado Profissional (PPGHIS/UCS) e em Turismo e Hospitalidade - Mestrado e Doutorado Acadêmico (PPGTURH/UCS). E-mail: passueloaline@gmail.com.

² Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade de Caxias do Sul (PPGHIS/UCS). Licenciado em História (UCS). Professor de História da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: aocosta2@ucs.br.

³ Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCom/PUCRS), na linha de pesquisa Processos Comunicacionais, Políticas dos Corpos e Interseccionalidade. Bolsista CNPq. Bacharela em Design pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Email: giulia.calloni@edu.pucrs.br.

(the capital) and Caxias do Sul (the main city in the Serra Gaúcha region), and the relationships and exchanges established between them. The study traces a historical panorama covering two central themes: the genesis and proliferation of the punk movement in both cities, and the inclusion and role of women in the punk and rock scenes of these two locations in Rio Grande do Sul. The central objective is to highlight the potential for resistance inherent in punk, especially in territories with a conservative appeal and social imaginaries rooted in a mythical, Europeanized, and white past, which historically marginalize groups that do not align with this hegemonic ideal. The data presented come from literature review, document analysis, and excerpts from interviews with participants in the movement. From an analytical perspective, the article mobilizes the theoretical-methodological tool of intersectionality, articulating categories such as center and periphery (geographical and symbolic), racism, whiteness, and patriarchy. This intersectional approach proved fundamental for deepening the understanding of the multiple layers of oppression and the unique forms of resistance that shape the performance of punk in Brazil.

KEYWORDS

Punk; Intersectionality; Gender; Whiteness; Rio Grande do Sul.

RÉSISTANCE PUNK DANS L'EXTRÊME SUD DU BRÉSIL : UN REGARD INTERSECTIONNEL SUR LES SCÈNES DE PORTO ALEGRE ET DE CAXIAS DO SUL

RÉSUMÉ

Le mouvement punk, tout au long de son histoire au Brésil, s'est développé dans divers contextes territoriaux avec des caractéristiques propres. Cet article propose d'analyser la scène punk dans le Rio Grande do Sul, en se concentrant sur Porto Alegre (la capitale) et Caxias do Sul (la principale ville de la Serra Gaúcha), ainsi que sur les relations et les échanges établis entre elles. L'étude dresse un panorama historique qui couvre deux thématiques centrales : la genèse et la prolifération du mouvement punk dans les deux villes, et l'insertion et le rôle des femmes dans le punk et le rock *gaúcho* de ces deux localités. L'objectif central est de mettre en évidence le potentiel de résistance inhérent au punk, en particulier dans des territoires à l'attrait conservateur et aux imaginaires sociaux basés sur un passé mythique européenisé et blanchi, qui marginalisent historiquement les groupes ne s'alignant pas sur cet idéal hégémonique. Les données présentées proviennent d'une revue de littérature, d'une analyse documentaire et d'extraits d'entretiens avec des participants du mouvement. Du point de vue analytique, l'article mobilise l'outil théorico-méthodologique de l'intersectionnalité, articulant des catégories telles que centre et périphérie (géographique et symbolique), racisme, blanchité et patriarcat. Cette approche intersectionnelle s'est avérée fondamentale pour approfondir la compréhension des multiples couches d'oppression et des formes singulières de résistance qui façonnent l'action du punk au Brésil.

MOTS-CLÉS

Punk; Intersectionnalité; Genre; Blanchité; Rio Grande do Sul.

RESISTENCIA PUNK EN EL EXTREMO SUR DE BRASIL: UNA MIRADA INTERSECCIONAL A LAS ESCENAS DE PORTO ALEGRE Y CAXIAS DO SUL

RESUMEN

El movimiento punk, a lo largo de su historia en Brasil, se desarrolló en diversos contextos territoriales con características propias. Este artículo se propone analizar el escenario punk en Rio Grande do Sul, enfocándose en Porto Alegre (la capital) y Caxias do Sul (la principal ciudad de la Serra Gaúcha), y en las relaciones e intercambios establecidos entre ellas. El estudio traza un panorama histórico que abarca dos temáticas centrales: la génesis y la proliferación del movimiento punk en ambas ciudades, y la inserción y el papel de las mujeres en el punk y el rock *gaúcho* de estas dos localidades. El objetivo central es evidenciar el potencial de resistencia inherente al punk, especialmente en territorios con un atractivo conservador e imaginarios sociales

basados en un pasado mítico europeizado y blanqueado, que históricamente marginan a grupos que no se alinean con ese ideal hegemónico. Los datos presentados provienen de revisión bibliográfica, análisis documental y extractos de entrevistas con participantes del movimiento. Desde el punto de vista analítico, el artículo moviliza la herramienta teórico-metodológica de la interseccionalidad, articulando categorías como centro y periferia (geográfica y simbólica), racismo, blanquitud y patriarcado. Este enfoque interseccional demostró ser fundamental para profundizar la comprensión de las múltiples capas de opresión y de las formas singulares de resistencia que moldean la actuación del punk en Brasil.

PALABRAS CLAVE

Punk; Interseccionalidad; Género; Blanquitud; Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O movimento punk floresceu em Porto Alegre e Caxias do Sul com fontes e influências compartilhadas, mas cada contexto contando com as suas especificidades. Conforme Bittencourt (2022), o repertório simbólico global do punk é importante para compreender as diferentes cenas constituídas. Contudo, é central que se considere aspectos locais, como fatores econômicos, políticos e culturais na construção de identidades e vivências punk em diferentes regiões do globo. No Brasil, a região sudeste é considerada a porta de entrada do movimento. No entanto, as demais regiões do país têm sido pesquisadas para fins acadêmicos ou não, fazendo com que haja uma circulação das experiências desses locais, que podemos caracterizar como periféricos no cenário do punk nacional.

Assim, o artigo que segue pretende, a partir da análise de como Caxias do Sul se insere nesse cenário e das relações estabelecidas com Porto Alegre e com outros territórios das cenas punk, contribuir para esse campo de estudos para que suas memórias sejam resguardadas. Ao mobilizar ao menos dois territórios do Rio Grande do Sul, pretende-se não só falar sobre os homens no punk, mas também de um grupo tão presente e invisibilizado por diferentes narrativas culturais, que são as mulheres. Os conceitos de centro e de periferia, que versam inicialmente sobre o território das cidades, também serão mobilizados para pensar gênero: homens como centro das narrativas culturais e, nesse caso, contraculturais, e as mulheres como periféricas. Para aprofundar essa análise, a ferramenta teórico-metodológica mobilizada é a interseccionalidade, uma abordagem que rompe com análises exclusivas e fragmentadas, propondo uma compreensão crítica das relações sociais, do poder e das identidades (Crenshaw, 2002; Brah, 2006). Serão articuladas categorias como centro e periferia (geográfica e simbólica), racismo, branquitude e patriarcado.

Segundo dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Porto Alegre é a cidade do Rio Grande do Sul com a maior população, seguida por Caxias do Sul. Os cerca de 120 quilômetros que separam as duas permitiram intensas trocas econômicas, políticas, sociais e culturais. Do ponto de vista histórico, é importante destacar como as narrativas sobre Caxias do Sul a colocam como uma cidade produzida eminentemente pelo processo de colonização italiana, que ocorreu a partir de 1875. Essa pretensa italianidade herdada e disseminada se constitui como o discurso identitário hegemônico sobre a cidade (Possamai, 2005), afirmando que só existe uma forma de habitar a cidade e a região da Serra Gaúcha. Tal forma é pautada pelo ideal do colonizador europeu embranquecido.

Teoricamente, as contraculturas são vistas pelas culturas hegemônicas como questionadoras do *status quo* e passíveis de crítica, de exclusão e de rebaixamento social. Assim, parte-se da perspectiva de que territórios são hospitaleiros para grupos culturalmente

hegemônicos (Gramsci, 1978a; 1978b; 1978c; 2002), e hostis para os grupos subalternizados que se colocam como divergentes, nesse caso, contra hegemônicos. Nesse sentido, o punk, como uma contracultura, questiona os preceitos dos que impõem suas identidades como se estas fossem por todos compartilhadas.

Diante disso, o presente artigo resgata a chegada do movimento punk em Caxias do Sul, destacando suas conexões com Porto Alegre. Em seguida, o foco se volta para as mulheres no movimento nessas cidades. Por fim, os dados apresentados são discutidos à luz das categorias teóricas mobilizadas, aplicando a lente interseccional para refletir sobre as experiências desses locais, que podem ser caracterizados como periféricos no punk nacional.

DO NORTE AO SUL GLOBAL: O PUNK COMO RECURSO NA QUEBRA DE PARADIGMAS REGIONAIS

Muito mais que um estilo musical, o punk rock também é uma ferramenta de expressão e militância de sujeitos excluídos e marginalizados no meio urbano. O punk busca chocar a sociedade através da exposição dos problemas e contradições que ela produz. Para que suas ideias e demandas sejam vistas e ouvidas pelas pessoas, os punks costumam se unir para somar forças e se manifestarem de forma coletiva para, assim, se protegerem. A reunião desses indivíduos em um coletivo pode ser entendida como um movimento social, pois nas palavras de Gohn (2011), este último define-se como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população. Os punks se organizam e expressam suas demandas, adotando estratégias que vão desde a denúncia, as mobilizações, as marchas e os distúrbios até os atos de desobediência civil.

O ato de chamar a atenção da sociedade para suas demandas através de uma forma de arte, vista como radical e violenta, cujo objetivo é denunciar os problemas e males sociais, é fruto da contracultura. Conforme Carlos Alberto Pereira (1984), a contracultura caracteriza-se pela oposição à cultura vigente e oficializada pelas instituições da sociedade ocidental, sendo marginal e independente do reconhecimento oficial. Assim, trata-se de um movimento de contestação que coloca em xeque a cultura defendida pelo sistema hegemônico, enfrentando-a de modo direto. A utilização da contracultura como forma de militância pelos punks tem sua justificativa baseada em dois conceitos discutidos por Craig O'Hara, em seu livro intitulado "A Filosofia do Punk": o não autoritarismo, que define que os punks não respeitam autoridades de qualquer espécie, visto que a obediência injustificada à autoridade resultou na aceitação em massa de atos nocivos (O'Hara, 2005), ideia que aproxima o punk da ideologia anarquista; e o não conformismo, que se baseia na percepção autônoma que o punk tem de toda a dominação e violência simbólica exercida pela classe dominante sobre o restante da sociedade, o que pode ser entendido como uma consciência

de classe. Esses dois conceitos são a base do pensamento punk, que geralmente incentiva jovens das zonas periféricas das grandes cidades a se agruparem para lutar por uma causa em comum, utilizando a contracultura como ferramenta de expressão. Logo, podemos entender o punk como um movimento contracultural.

A origem do movimento punk ainda é objeto de debate, porém, de acordo com o trabalho de O'Hara (2005, p. 31), "em geral pensa-se que foram os nova-iorquinos os inventores do estilo musical, enquanto os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido". Assim, podemos dizer que o gênero musical tem sua origem no subúrbio de Nova York, ainda na década de 1960, com a banda *Velvet Underground*, que começou a cantar a realidade de pobreza, drogas, violência e prostituição do subúrbio. Já na década de 1970, surgiram outros grupos como *NY Dolls* e os *Ramones*. Em Londres, o punk se politizou com bandas como *Sex Pistols* e *The Clash*, que caíram no gosto de uma juventude mais violenta e rebelde (McNeil; McCain, 2017).

De acordo com Pereira (1984), a juventude europeia trazia o peso de uma longa tradição de luta política de esquerda bastante institucionalizada. De fato, as massas proletárias da Europa se mobilizaram em defesa de melhores condições de trabalho e salários e maior qualidade de vida desde o advento da Revolução Industrial no final do século XVIII, o que, inclusive, foi fundamental para a politização do punk no velho continente, na segunda metade da década de 1970. Fruto da efervescência musical da década anterior, o movimento punk buscava se opor ao rock progressivo — que se caracterizava por músicas longas e de difícil execução, que afastavam o público — e também ao contexto de medo e tensão gerados pela Guerra Fria.

O punk chega ao Brasil de duas maneiras. Conforme o documentário "Botinada: A origem do punk no Brasil" (Moreira, 2006): em meados de 1976, via Brasília, pelas mãos de filhos de funcionários federais, principalmente diplomatas e embaixadores, que tinham condições financeiras de viajar ao exterior e adquirir discos; e também, de acordo com Milani (2008), na cidade de São Paulo, em 1977, através de caixas fechadas de discos importados.

Nos anos 80, a cidade de São Paulo passou por transformações significativas, frutos da abertura política e da expansão dos meios de comunicação. O movimento punk utilizava o conceito de periferia para demarcar um lugar que era geográfico, mas principalmente simbólico, significando estar à margem de reconhecimento, respeito e dignidade, e se reconhecia como os filhos bastardos rejeitados pelo sistema político e econômico (Bittencourt, 2022).

DO TIETÊ AO MAMPITUBA⁴: O PUNK CHEGA À CAPITAL E À SERRA GAÚCHA

Em terras gaúchas, o punk rock dá os seus primeiros passos no início da década de 1980, em Porto Alegre, com o surgimento da banda *Os Replicantes*⁵. Em Caxias do Sul, o gênero musical também chegou de duas formas: a primeira se deu entre 1985 e 1986, quando alguns adolescentes da cidade passaram a se identificar com a contracultura após ouvirem músicas de bandas como *Os Replicantes* e *Camisa de Vênus* na programação da rádio Ipanema FM. Além disso, nas bancas de jornal caxienses, já circulava a revista *Bizz*, que trazia algumas matérias sobre punk rock. Nas lojas do município surgem, ainda timidamente, LPs e fitas K7 de bandas nacionais como *Cólera*, *Ratos de Porão* e *Garotos Podres* e estrangeiras como *Dead Kennedys*, *Ramones* e *The Clash*⁶. O segundo eixo de chegada do punk foi através do contato de jovens caxienses que residiam no litoral de Santa Catarina com jovens de Porto Alegre. Na segunda metade da década de 1980, ao retornarem a Serra Gaúcha, os caxienses trouxeram para a cidade o conhecimento sobre a contracultura e muitos *fanzines*⁷.

Entre 1986 e início dos anos 2000, podemos notar a presença de duas gerações punks na cidade. A primeira, entre 1986 e 1994, tinha como característica uma cena desagregada, onde cada grupo atuava isolado em seu bairro e com poucas bandas existentes⁸. Existia somente um *fanzine*, intitulado “*Ovo Podre*”, e um único coletivo, responsável pela reprodução e distribuição do *fanzine*, batizado com o mesmo nome. Os integrantes dessa geração costumavam estudar as teorias anarquistas e marxistas para defender suas pautas. Uma das primeiras bandas caxienses de punk rock foi a *Detrito Urbano*. Formada em dezembro de 1986, na Vila Ipiranga, no bairro Cristo Redentor, a banda existiu até 1990. Os integrantes costumavam se reunir no *Bar do Patinhas*. Eles fizeram seus primeiros shows na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones e no Colégio Estadual Imigrante, instituições onde os integrantes estudavam.

Outras bandas atuantes durante esse período foram *Pele e Osso*, *Parto de Macaco* e *Desordem e Regresso*. Houve também um show punk realizado no Bloco F da Universidade de

⁴ O Mampituba é um rio que estabelece a divisa entre os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A expressão é empregada para se referir a eventos ocorridos no Rio Grande do Sul.

⁵ Ver Costa (2021).

⁶ Entrevista concedida por Fabiano Carlos Medeiros da Silva ao autor em 21/09/2024.

⁷ Conforme Bivar (2001), o termo “*fanzine*” tem sua origem na junção das palavras *fan* (fã em português) com *magazine* (revista em inglês), portanto, é a revista do fã, feita pelo fã e para o fã. Esses periódicos artesanais eram fotocopiados e distribuídos ou vendidos pelos punks nas ruas e festivais do gênero musical.

⁸ Ver Costa (2021).

Caxias do Sul (UCS) no final da década de 1980, porém, não foi possível precisar a data exata. Já o *fanzine Ovo Podre* circulou entre 1988 e 1989, e depois foi descontinuado. Outros membros da cena, com a permissão do autor, republicaram os primeiros números entre 1990 e 1991. Em 1992, o *fanzine* volta a circular com material inédito e a partir do grupo responsável por essa nova fase, forma-se o *Movimento Punk Ovo Podre*, de ideologia anarquista. Os conteúdos do *fanzine* criticavam o governo municipal, a falta de opções culturais na cidade, o autoritarismo e o comportamento da juventude caxiense.

A segunda geração do punk caxiense teve seu auge entre 1996 e 1998, quando surgiram muitas bandas, como *Subversivos*, *Anticonformismo*, *Aphasia* e *Antítese Social* e uma enorme variedade de *fanzines* em Caxias do Sul. Em 1996, a banda *Subversivos* organizou a primeira edição de um dos festivais mais conhecidos e importantes para a cena punk caxiense da década, o *Polenta Frita*. Uma das primeiras edições do evento ocorreu no *Skate Park*, área que faz parte do Parque Getúlio Vargas (Parque dos Macaquinhos). Posteriormente, as edições seguintes do evento foram realizadas de forma coletiva, onde cada banda disponibilizava parte dos equipamentos para viabilizar o evento, que passou a ocorrer em outros espaços da cidade.

Entretanto, poucos participantes da segunda geração de punks caxienses costumavam estudar as ideologias políticas que defendiam. Assim, por terem informações mais rasas, surgiram várias interpretações sobre as premissas que deveriam defender. Além disso, a cena contracultural do período era grande. Dessa maneira, surgiram as desavenças internas que culminaram na desagregação do movimento no final da década de 1990.

Eduardo Gaspari, vocalista da banda *Exclusão Social* desde 1999 e envolvido na cena caxiense desde a segunda metade dos anos 1990, aponta que, no início dos anos 2000, uma nova geração de punks chegou ao movimento. Porém, os membros da segunda geração não deixaram a cena local como fizeram os membros da primeira geração, mas continuaram totalmente ativos dentro do cenário punk caxiense, fundando bandas, auxiliando na organização de festivais, editando *fanzines*, organizando manifestações e viagens para interagir com punks de outras cidades, como Porto Alegre e Canoas — tornando-se uma referência para os recém-chegados. Além disso, nesse período, os punks se aproximaram de outras tribos urbanas que defendiam pautas em comum, como os jovens ligados ao Hip Hop. A atuação dos punks mais velhos segue até hoje, e é comum vê-los junto aos punks mais novos, resultando assim em um intercâmbio de gerações que mantém a cena caxiense em atividade. Em alguns períodos, essas atividades diminuíram e, em outros, retornaram com mais força. Assim, ao estudarmos o punk caxiense no século XXI, é mais coerente utilizar o termo “ciclos punk” ao invés de “gerações punks” para fazer o recorte histórico do movimento em Caxias do Sul. Se, ao final da década de 1990, o punk caxiense passou por um desentendimentos e divisões que culminaram em um processo de desagregação, o início do

novo século marcou o surgimento de um novo ciclo, ou “terceiro ciclo punk”, se assim preferirmos, no qual houve a retomada e o fortalecimento da cena através da convivência entre veteranos e novatos.

Conforme Fabiano Carlos Medeiros, fundador do Porão do Caos, o “quarto ciclo punk caxiense” surgiu na segunda metade dos anos 2000. Ele foi marcado pela convergência de punks, *skinheads* antifascistas e *rappers* em torno da bandeira antifascista, com o Porão do Caos atuando como um espaço crucial para encontros e festivais *underground* na década de 2010.

Essa aglutinação foi motivada pela necessidade das citadas tribos urbanas de unirem forças para resistir e se defender de ataques de grupos ultraconservadores que existiam na cidade. A partir disso, o posicionamento antifascista torna-se importante dentro da cena local, não havendo espaços para bandas que ficavam “em cima do muro”. O próprio Porão do Caos é fundado, no início dos anos 2010, após a consolidação da união dos três grupos.

CORPOS E RUÍDOS: O PUNK FEITO POR MULHERES NA CAPITAL E NA SERRA GAÚCHA

A instabilidade política e econômica do Brasil nos anos 1980 resultou em uma drástica redução no mercado musical, com o fechamento de diversas gravadoras, tais como *K-Tel*, *Top Tape* e *Tapecar*. Nesse processo, nota-se o surgimento de uma cena independente mais organizada, que aproximou áreas artísticas distintas, como o teatro, o cinema, a literatura e a música popular (Vicente, 2002).

A partir de 1982, no Rio de Janeiro, a rádio Fluminense FM, autodenominada “A Maldita”, era a principal plataforma de divulgação das novas bandas de rock: “[...] tocava do *Clash* ao *The Cure* até demos caseiras, promovia concursos e shows de rock, agitava dia e noite” (Motta, 2022, p. 321). Nessa época, o BRock⁹ conquistou espaço na indústria fonográfica do eixo Rio/São Paulo a partir de jornalistas, radialistas, músicos e produtores musicais que legitimaram e profissionalizaram o gênero. Entre essas pessoas, haviam também mulheres que enfrentavam a tensão de trabalhar em um ambiente tomado por homens roqueiros (Magi, 2013).

Fora do eixo Rio/São Paulo, em 1985, no bairro Bom Fim da capital gaúcha, a banda *3D*, fundada por Polaca Rocha, Vera Costa e Neca Heinz, foi uma das pioneiras com formação exclusivamente feminina e uma das mais influentes do punk rock no estado do Rio Grande do Sul (Hollanda, 2019; Nunes, 2020).

⁹ Expressão cunhada pelo jornalista Arthur Dapieve para referir-se ao Rock Brasileiro (Motta, 2022).

Figura 1. *3D Punk Rock*

Fonte: Arquivo pessoal de Polaca Rocha. Acesso em: maio de 2025.

Uma banda formada só por mulheres causava controvérsia na época, mas atraía um público que se identificava justamente com esse aspecto da banda. Chegaram, inclusive, a conceder entrevistas para uma emissora de televisão local na época (Tabajara; Pacheco, 2016).

Entre as décadas de 1980 e 2000, em Porto Alegre, observa-se uma presença significativamente reduzida de mulheres nas bandas que se popularizaram. Contudo, algumas exceções merecem destaque: a banda *Bidê ou Balde* que, em uma de suas formações, contou com Kátia Aguiar e Gisele Figueiredo nos vocais e Vivi Peçaiques nos teclados; o grupo *DeFalla*, com Biba Meira na bateria; *Os Replicantes*, com Luciane Tomasi nos teclados e vocais; e a *Lory F. Band*, cuja formação incluía a baixista Lory Finnochiaro (González, 2024).

Ainda da capital gaúcha, bandas como *Girlish*, *Wonkavision*, *Lautmusik*, *Planondas* e *Devastadoras* também tinham mulheres em sua formação para além do lugar predestinado a elas: o vocal. Assumiram instrumentos como baixo, teclado, guitarra e bateria, influenciando toda uma geração posterior de mulheres musicistas no estado (Koskoff, 2014; Benincá, 2021).

Em Porto Alegre, o *Gurias Rock Camp*, o coletivo *We Make Noise* e o selo *Pwr Records* são projetos contemporâneos importantes para o incentivo e o fomento à produção musical realizada por mulheres e dissidentes de gênero. Observa-se que, nos coletivos da cena musical de mulheres na capital gaúcha, as musicistas — incluindo produtoras, técnicas de som e *roadies* — compartilham suas experiências como forma de incentivar novas iniciativas

femininas na música e nos feminismos (Gelain, 2019). Essas ações buscam reconhecer e fortalecer uma rede de apoio entre mulheres, pautada na sororidade.

FAÇA-VOCÊ-MESMA: MULHERES PUNKS NA CENA CAXIENSE

Em Caxias do Sul, a banda *Baga Kaos*, formada em 2002, era composta por Vanessa Prigol e Suelen dos Santos nos vocais, Jéssica Rodrigues na guitarra, Marcela Pappen no baixo e Valquíria Ruaro na bateria. A banda participou de diversos eventos no estado, como o *Festival Polenta Frita 9¹⁰*, em Caxias do Sul, e o *Meninas Hardcore Fest I*, realizado em Porto Alegre, ambos em 2002.

Também em Caxias do Sul, as bandas *Ampex Rock*¹¹ — formada em 2008 por Carol Kurmann, Jessica Melinda, Joana Gabriel e Valquíria Ruaro — e *Sociedade Suicida* — composta por Ester Pretto, Juliana Reis, Juliana Pires e Fernanda Bedin — foram precursoras do punk e do garage rock, integralmente femininos nos anos 2000 (Jornal Pioneiro, 2002).

Figura 2. Sociedade Suicida.



Fonte: arquivo pessoal de Alisson da Costa. Acesso em: maio de 2025.

¹⁰ Disponível em: https://youtu.be/vGV3WUgoG_8?si=UcXBmhKTuR-nMpjK. Acesso em: 11 dez. 2025.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SsKafT8R28&t=5s>. Acesso em: 11 dez. 2025.

A Casa Vermelha, espaço cultural fundado em 2018, no bairro Marechal Floriano, comandado por Bruna Toledo e Cláudia Palhano, foi responsável por fomentar a cena *underground* caxiense, promovendo shows, rodas de conversa e exposições artísticas. Além disso, Bruna e Cláudia, juntamente com Lipe, publicavam periodicamente o *fanzine* “*Cuidado Piranhas*”, em que abordavam temas como maternidade, violência de gênero e desigualdade social (informação verbal¹²). Assim, além de apoiarem o movimento artístico cultural local, disseminaram suas produções por meio de pautas femininas, sociais e culturais, prezando pela autonomia das mulheres em todas as suas condições¹³.

Bandas e *artistas*¹⁴ como as supracitadas, foram representantes da formação feminina na cena musical dos gêneros punk e rock na Serra Gaúcha, evidenciando, por meio de letras subversivas e de instrumentais contestadores, a presença e a atuação de mulheres nesse contexto regional.

A LENTE INTERSECCIONAL NA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DO MOVIMENTO PUNK EM PORTO ALEGRE E CAXIAS DO SUL

A análise do movimento punk nas maiores cidades do Rio Grande do Sul fundamenta-se na compreensão da resistência em territórios percebidos como intrinsecamente hostis. Essa hostilidade deriva de espaços historicamente ancorados no conservadorismo, onde imaginários e práticas são nutridos por um passado idealizado e mítico. Esse passado opera uma exclusão sistemática de grupos sociais que não se enquadram no ideal cultural europeu e embranquecido que estrutura a identidade desses locais. Desse modo, assume-se que esses territórios são, simultaneamente, acolhedores para grupos culturalmente hegemônicos (Gramsci, 1978a; 1978b; 1978c; 2002) e manifestamente hostis a grupos subalternizados que, ao se posicionarem como divergentes, atuam na esfera contra-hegemônica.

A investigação dos conceitos de centro e periferia será aprofundada através da aplicação de uma lente interseccional. Nesse quadro analítico, o conceito de centro será duplamente definido: primeiramente, como a representação do masculino e, secundariamente, como a cidade de Porto Alegre, capital e polo político do estado. Em

¹² Informação verbal. Concedida por Bruna Toledo em Caxias do Sul, RS, em 08/06/2025.

¹³ Disponível em: < [instagram.com/cuidadopiranhas](https://www.instagram.com/cuidadopiranhas) >. Acesso em: 11 dez. 2025.

¹⁴ “Esse novo posicionamento encontra-se no hibridismo arte e ativismo, aqui denominado de *ativismo*. Nesse contexto, o *ativismo* embebido numa estética feminista, torna-se um potente conceito para pensarmos a relação da arte, da política e do feminismo dentro de uma perspectiva das novas tecnologias, a serviço da transformação social, difusão e divulgação de imagens que colocam as mulheres no centro da produção visual contemporânea” (Stubs; Teixeira Filho; Lessa, 2018, p. 2).

contraposição, a periferia será equiparada ao feminino e, geograficamente, ao município de Caxias do Sul. A seleção dessas categorias visa refletir a concentração hierárquica de poder inerente à sociedade brasileira, demarcando o polo de maior influência (centro) em relação àquele de menor (periferia). Essa exploração será conduzida por meio da articulação das seguintes dimensões no contexto do punk nas duas cidades: centro, periferia, racismo, branquitude e patriarcado.

As realidades sociais são reconhecidamente multifacetadas, tornando a interseccionalidade uma ferramenta metodológica indispensável. Essa lente permite desvelar e ampliar camadas de opressão e resistência que frequentemente permanecem obscurecidas em análises unidimensionais ou fragmentadas. Ilustrativamente, em termos de distância e acesso ao centro de poder estadual, Caxias do Sul pode ser classificada como periferia em relação a Porto Alegre. Contudo, essa classificação se inverte quando a cidade é examinada sob o prisma do ideal da branquitude europeia, contexto em que Caxias do Sul se configura como um polo central de sua manutenção e exaltação na região. A abordagem da interseccionalidade neste trabalho adota a concepção originalmente desenvolvida e difundida por intelectuais feministas negras na década de 1980. O propósito inicial dessa teoria era conferir visibilidade às lutas e às experiências singulares de mulheres negras, historicamente marginalizadas tanto nos debates feministas gerais quanto nos movimentos antirracistas (Crenshaw, 1989; 2002; Rodrigues, 2013). É crucial sublinhar que a articulação dos marcadores sociais da diferença — como raça, gênero, classe, sexualidade, etc. — não se resume a uma mera justaposição. Pelo contrário, a combinação desses marcadores sociais de opressão e privilégio gera vivências radicalmente únicas, que são irredutíveis a classificações estanques, hierárquicas ou escalonadas (Brah, 2006).

Para aprofundar a discussão sobre a questão racial no Brasil, o conceito de branquitude emerge como um pilar nos estudos críticos de raça e na análise interseccional. Ele define o conjunto de práticas, identidades e privilégios sistêmicos que consolidam a população branca como o grupo racial dominante. Na ótica brasileira e nas abordagens feministas interseccionais, a branquitude é concebida como uma estrutura de poder ativa que não só perpetua, mas intensifica as desigualdades raciais e sociais, assegurando às pessoas brancas uma posição racializada de privilégio não questionado (Sovik, 2009; Bento, 2022). No Rio Grande do Sul, estado que, segundo o Censo de 2022 do IBGE, ostenta o maior percentual de autodeclarados brancos do país, os processos de racialização apresentam complexas nuances, especialmente na região da Serra Gaúcha, cuja identidade cultural e histórica foi fortemente moldada e idealizada a partir da narrativa da imigração italiana.

A aplicação da lente interseccional permite uma análise mais refinada da dicotomia centro-periferia, questionando de que maneira Porto Alegre (a capital) e Caxias do Sul (a periferia) são codificadas, não apenas em termos geográficos de poder, mas também nas

dimensões de gênero, raça e classe. Ao conceituar o "centro" como masculino e o "periférico" como feminino, e ao associar Porto Alegre a um centro político e Caxias do Sul a um polo culturalmente periférico na cena contracultural estadual, revela-se a natureza complexa e mutável das hierarquias. Caxias do Sul pode ser periferia no que tange ao acesso e à concentração de poder estatal na capital, mas assume a posição de centro ativo na reprodução e manutenção do ideal de branquitude europeia no contexto regional do Rio Grande do Sul.

Essa dinâmica centro-periferia, observada pela perspectiva interseccional, é fundamental para compreender as distintas experiências de ser punk, especialmente para sujeitos que se encontram em posições subalternizadas, como mulheres, pessoas não-brancas e indivíduos de classe baixa. Em Porto Alegre, o ativismo punk alcança maior visibilidade na mídia e se conecta a redes de contestação mais amplas. Contudo, enfrenta de maneira direta as estruturas enraizadas do patriarcado e do racismo, típicas de um centro de poder estabelecido. Já em Caxias do Sul, a resistência punk se desenvolve em um contexto onde o conservadorismo social e a exaltação da branquitude estão ainda mais presentes, enraizados e fazem parte do cotidiano.

Tal contexto exige dos ativistas estratégias de enfrentamento particulares que articulam a marginalização territorial com as opressões interseccionais de gênero e raça de maneiras específicas. Consequentemente, a análise interseccional não é apenas um adendo, mas um instrumento crucial para desvelar as múltiplas camadas de opressão e as formas singulares de resistência que moldam e definem o movimento punk em ambos os contextos urbanos. A cena punk em Caxias do Sul, desenvolveu-se com particularidades que a situam como um polo cultural periférico na dinâmica estadual. A trajetória histórica de Caxias do Sul, profundamente ligada à narrativa da imigração europeia e a um conservadorismo cultural e social mais acentuado do que em Porto Alegre, impôs obstáculos adicionais à emergência e à expressão pública de movimentos contraculturais como o punk.

Entretanto, essa classificação de periferia não implica uma menor vitalidade ou força da cena local. Pelo contrário, o punk caxiense, forjado em ambientes alternativos, muitas vezes autogeridos e deliberadamente afastados dos circuitos centrais de visibilidade, reflete uma forma de resistência mais intensa. Essa resistência se dirige contra as normativas sociais e culturais de um território que consistentemente exalta o ideal da branquitude europeia e a ética do empreendedorismo como valores hegemônicos.

A partir da lente interseccional, este estudo demonstrou que a dicotomia centro-periferia no punk gaúcho transcende a mera geografia, sendo intrinsecamente codificada por marcadores de raça, gênero e classe. Em Porto Alegre, o "centro" político-masculino, enquanto palco de maior visibilidade midiática e articulação com esferas de poder, confronta o punk com as formas mais explícitas do patriarcado e do racismo estrutural. Em

contrapartida, Caxias do Sul, a "periferia" cultural-feminina, revela-se um centro ativo na manutenção da branquitude europeia, exigindo dos punks locais uma resistência que articula a marginalização territorial com a opressão interseccional mais arraigada no cotidiano e nos valores hegemônicos. Dessa forma, a análise comparativa entre as duas cidades confirma que as experiências de subalternidade e as táticas contra-hegemônicas do movimento punk são inseparáveis dos contextos racial e de gênero em que se inserem. O punk, enquanto manifestação cultural de resistência, não é monolítico, mas sim uma rede de ativismos localizados que respondem de maneiras singulares à hegemonia conservadora do Rio Grande do Sul. A interseccionalidade, portanto, prova-se essencial para desvelar a complexidade dessas lutas, revelando como a hostilidade do território é sentida e confrontada de maneira distinta por mulheres, pessoas não-brancas e grupos de classe baixa em cada polo urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada buscou refletir sobre duas cenas punk no Rio Grande do Sul. Ao analisar os contextos de Porto Alegre e Caxias do Sul, o objetivo foi discutir categorias teóricas que permitem um conhecimento mais aprofundado dos diversos territórios em que o punk se manifesta no Brasil.

O estudo enfatizou como o tratamento hostil direcionado a grupos sociais contra hegemônicos que habitam as cidades visa minar o potencial descolonizador desses movimentos. O questionamento do *status quo* por meio de expressões contraculturais revela o potencial descolonial do punk em contextos subalternizados, opondo-se ativamente a diferentes formas de colonização — seja de territórios, mentalidades, moralidades, hierarquias sociais, ou marcadores como gênero, orientação sexual e etnia.

Importante evidenciar o papel que os movimentos punk ocupam nesse cenário, assim como a participação e atuação das mulheres neles inseridas. A análise do fluxo entre o "centro" (Porto Alegre) e a periferia/interior (Caxias do Sul) se mostrou essencial para ampliar o entendimento do movimento punk gaúcho. Existem conexões e intercâmbios culturais robustos que fortalecem a resistência e a diversidade interna do punk no estado. Locais como casas alternativas e coletivos feministas e LGBTQIA+ funcionam como elementos-chave para essa rede que articula centro e periferia, unindo suas lutas e expressões culturais. A articulação entre as cenas de Porto Alegre e Caxias do Sul demonstra que o punk no Rio Grande do Sul é um movimento dinâmico, que desafia as hegemonias geográficas e sociais, e que a lente interseccional é fundamental para desvendar as complexas dinâmicas de poder e resistência que moldam a sua atuação.

REFERÊNCIAS

- BENINCÁ, Maria. Mulheres no Punk: formação e expansão de redes para existir. //: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12: Anais Eletrônicos**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2021.
- BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. As cidades dos punks. **Revista Iluminuras**, v. 23, p. 70-96, 2022.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BOTINADA**: a origem do punk no Brasil. Direção de Gastão Moreira. São Paulo: St2, 2006. (110 min.), DVD, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=triAXkc003k&t=21s>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>
- COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 103 f. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos dadiscriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 17, 2002.
- GELAIN, Gabriela Cleveston. Protagonistas na Música: Um Estado da Arte Inicial e o Mapeamento de Coletivos de Mulheres na Cena Musical de Porto Alegre. //: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL - INTERCOM SUL**, 20., 2019, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0444-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-513, 2011.
- GONZÁLEZ, Hernán Andrés. **“Rock Gaúcho”**: uma etnografia musical entre o Rio Grande do Sul e o Rio da Prata. 128 p. 2024. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978c.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUERRA, Paula; SILVA, Edson Alencar. Batalhas sem heróis. As metamorfoses do punk na sociedade brasileira contemporânea. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v. 10, p. 1, 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2019.

KOSKOFF, Ellen A. **Feminist Ethnomusicology: Writings on Music and Gender**. Oxford University Press, 2014.

MAGI, Érica. “Deusas” Do Rock Paulista: Gênero e Música Na Trajetória Da Banda As Mercenárias. *In*: **XXIX Congresso Latino-americano de Sociología** – ALAS Chile, 2013.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por Favor: a história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.

MILANI, Marco Antônio. Dinâmicas ideológicas no movimento punk. *In*: **SIMPÓSIO DE LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA**, 3, Londrina, 2008.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais**. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2022.

NUNES, Caroline Govari. “Duas notas chegam para mim. dois acordes repetidos sem fim”: A constituição musical, midiática e identitária do rock gaúcho na década de 1980. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Somos expressão, não subversão! A gurizada punk em Porto Alegre**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8590/000581842.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 12 mar. 2025.

POSSAMAI, Paulo César. “Dall'Italia siamo partiti”: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *In*: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 16 a 20 de setembro de 2013.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; LESSA, Patrícia. Ativismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e38901, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>.

TABAJARA, Maria Eugênia; PACHECO; Janie. Moda, Música e Rebeldia sob a Ótica do Gênero: a vestimenta como reforço simbólico para a transgressão comportamental do movimento punk rock. *In: 5º Seminário de Iniciação Científica ESPM*, São Paulo, 2016.

TURRA NETO, Nécio. Punk e hip-hop como movimentos sociais? **Revista Cidades**, v. 7, n. 11, 2021.

VICENTE, Eduardo. **Música e disco no Brasil**: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido em 15 de junho de 2025.

Aprovado em 20 de novembro de 2025.

